

CIRCUITOS CURTOS AGROALIMENTARES: UM ENSAIO TEÓRICO

Marina Sbrocco

Mestranda em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Geociências.
m183990@dac.unicamp.br

Vicente Eudes Lemos Alves

Professor Doutor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Geociências.
veudes@unicamp.br

RESUMO

Este ensaio teórico, com base em pesquisa bibliográfica, objetiva apresentar um panorama da compreensão sobre os Circuitos Curtos Agroalimentares (CCA's) presente na literatura. Principalmente a partir do século XX, a modernização da agricultura e o alargamento das cadeias de distribuição agrícola no mundo trouxeram benefícios econômicos a diversos países, mas também fomentaram problemáticas de cunho ambiental, social e de qualidade dos alimentos. Os CCA's emergem nesse contexto, e buscam mitigar os efeitos nocivos da produção convencional. Não integrados à lógica do agronegócio globalizado, esses circuitos curtos são caracterizados, de modo geral, por aproximarem a produção do consumo e valorizarem a agricultura familiar, as economias locais e a produção alimentar sustentável e segura. Apesar das dificuldades enfrentadas para sua plena reprodução, nota-se o potencial dos CCA's em preencher as lacunas do modelo agrícola hegemônico e seus longos circuitos.

Palavras-chave: Circuitos Curtos Agroalimentares. Agronegócio globalizado. Modernização da agricultura. Agricultura familiar.

SHORT AGRI-FOOD SUPPLY CHAIN: A THEORETICAL ESSAY

ABSTRACT

This theoretical essay, based on bibliographical research, aims to present an overview of the understanding of Short Agrifood Circuits (CCA's) present in the literature. Especially since the 20th century, the modernization of agriculture and the expansion of agricultural distribution chains in the world have brought economic benefits to several countries, but have also fostered environmental, social and food quality problems. The CCA's emerge in this context, and seek to mitigate the negative effects of conventional production. Not integrated into the logic of globalized agribusiness, these short circuits are generally characterized by bringing production closer to consumption and promoting family farming, local economies and sustainable and safe food production. Despite the difficulties faced for its full reproduction, the potential of CCA's is noted in filling the gaps of the hegemonic agricultural model and its long circuits.

Keywords: Short agri-food supply chain. Globalized agribusiness. Modernization of agriculture. Family farming.

INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico deriva de uma proposta de Dissertação de Mestrado, ainda em desenvolvimento, que busca abordar o funcionamento das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA's) como Circuitos Curtos Agroalimentares. Aqui, pretende-se trazer um panorama da compreensão sobre esses circuitos presente na literatura.

Principalmente ao longo do século XX, cadeias globais de distribuição alimentar se expandem em decorrência do aprimoramento das capacidades técnicas e logísticas e da modernização da produção agrícola (HUESTON e MCLEOD, 2012; FORNAZIER e BELIK, 2013). A partir da década de 1990, o Brasil vivencia o fortalecimento do chamado agronegócio globalizado, e os circuitos agroalimentares se expandem, sobretudo, com a produção de *commodities* agrícolas para exportação (SANTOS, 2010). Apesar das contribuições positivas desse fenômeno, especialmente no crescimento econômico do país, suas formas de atuação no território também são marcadas por impactos negativos à preservação ambiental, à qualidade dos alimentos, aos pequenos produtores agrícolas e às economias e produções locais (RAMOS, 2013; MAPBIOMAS, 2022; PRODES – INPE, 2020).

Os chamados Circuitos Curtos Agroalimentares (CCA's) emergem e se expandem no Brasil e no mundo como interessante alternativa ao modelo agrícola hegemônico e seus longos circuitos. De modo geral, os CCA's são caracterizados por envolverem, no máximo, até um intermediário no abastecimento alimentar, de forma a aproximar a produção do consumo (CHAFFOTTE e CHIFFOLEAU, 2007). Dimensões socioculturais também podem definir esses circuitos, como o fortalecimento da agricultura familiar, das territorialidades e estímulo a práticas produtivas sustentáveis (FERRARI, 2011; TEIXEIRA, 2014; DAROLT et al., 2016). Com base nisso, a partir da pesquisa bibliográfica do tema, este trabalho pretende levantar as principais definições dos circuitos curtos e trazer à luz suas potencialidades.

A EXPANSÃO DAS CADEIAS AGROALIMENTARES NO SÉCULO XX

Ao longo da história da humanidade, os sistemas agroalimentares foram se expandindo na medida em que se desenvolviam as infraestruturas de transporte e o uso do dinheiro. Redes globais de comércio de grãos, óleos, entre vários outros alimentos se alastraram pelo mundo (HUESTON e MCLEOD, 2012; FORNAZIER e BELIK, 2013).

Mas é especialmente durante o século XX que há uma considerável expansão de um padrão global de produção alimentar. Cada vez mais, as capacidades técnicas, logísticas e de processamento se aprimoram e grandes companhias se expandem buscando satisfazer mercados mundiais de produção alimentar a partir da comercialização a longas distâncias (HUESTON e MCLEOD, 2012; FORNAZIER e BELIK, 2013). Segundo Fornazier e Belik (2013):

Em resumo, fatores como a adaptação de cultivos em regiões mais propícias levaram a que determinados alimentos fossem produzidos com vantagens em certas regiões, estabelecendo-se assim uma ligação entre mercados através de grandes distâncias (pág. 205).

A partir da segunda metade do século XX, a modernização agrícola provocada pela Revolução Verde foi capaz de aprofundar esse cenário de comercialização global de alimentos. Houve profundas modificações na base produtiva agrícola em diversos países do mundo, incluindo o Brasil. Por meio da atuação de fundações filantrópicas norte-americanas (como Fundação Rockefeller e Fundação Ford), e da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), essa revolução na produção agrícola foi marcada pela adoção de pacotes tecnológicos na agricultura. Os pacotes incluíam a mecanização do campo, fornecimento de crédito agrícola, uso de insumos químicos e sementes geneticamente modificadas, entre outras inovações, e assim foram projetados para sistemas comerciais longos (BRAZ; PEREIRA, 2018). Dessa maneira, verificou-se um aumento da produtividade agrícola, do mercado consumidor de produtos agrícolas a nível mundial, e um alargamento das distâncias das cadeias agroalimentares no mundo (FAO, 2017).

No Brasil, desde a década de 1990, difundiu-se a chamada agricultura científica globalizada (SANTOS, 2010), representando uma nova organização do agronegócio no país. A expansão dessa agricultura esteve ligada à adoção de tecnologias de informação e comunicação, e à neoliberalização econômica por meio da diminuição da atuação estatal na regulação da agricultura (FREDERICO, 2013). Na busca por maior competitividade nacional e internacional, a referência global na produção agrícola – em especial na produção de *commodities* para exportação – aumentou, assim como a homogeneização e racionalização de suas práticas (SANTOS, 2010). Com isso, por meio da atuação de grandes empresas transnacionais do agronegócio, as cadeias agroalimentares tornam-se cada vez mais longas e globais.

A expansão do agronegócio globalizado e suas longas cadeias é capaz de proporcionar forte crescimento econômico. Entretanto, também envolve contradições e problemáticas socioambientais. Para a implementação das monoculturas de exportação – como soja, cana-de-açúcar etc. –, registra-se intenso desmatamento de vegetações nativas (MAPBIOMAS, 2022; PRODES – INPE, 2020). A concentração fundiária, característica histórica da ocupação de terras no Brasil, é reforçada com a expansão de latifúndios para implementação das monoculturas (RAMOS, 2013). Populações tradicionais e produtores agrícolas familiares são, comumente, excluídos desse processo e expulsos de suas terras para dar lugar à produção das *commodities*. Desde a Revolução Verde, e ainda no agronegócio globalizado, o uso de pesticidas e fertilizantes químicos é frequente, gerando questionamentos também no campo da segurança e qualidade dos produtos agrícolas. Conforme comentam Junqueira & Moretti (2018):

Entram em cena não apenas necessidades, demandas e expectativas dos consumidores quanto à oferta de alimentos mais saudáveis, íntegros, frescos e naturais, mas também formas alternativas de organização dos circuitos de distribuição agroalimentar e expressões políticas ativas em relação a defesa, promoção e proteção da biodiversidade, da economia familiar, do desenvolvimento sustentável e endógeno do local e do combate aos desperdícios, à poluição ambiental e ao uso abusivo ou desregrado dos recursos naturais (pág. 518).

Dessa forma, aumentam as preocupações sobre a insustentabilidade desse modelo hegemônico de produção agrícola e começam a crescer movimentos de

contraponto a essa realidade, como é o caso dos Circuitos Curtos Agroalimentares, apresentados a seguir.

CIRCUITOS CURTOS AGROALIMENTARES COMO ALTERNATIVA AO MODELO HEGEMÔNICO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Surgimento dos Circuitos Curtos Agroalimentares

O conceito de Circuito Curto Agroalimentar (CCA) ainda não possui, no Brasil, uma definição oficial. Com base na revisão da literatura do tema, no entanto, nota-se que esse conceito se refere aos circuitos agroalimentares baseados na proximidade entre produtores e consumidores. Na França, representantes do setor agroalimentar caracterizam o termo como circuitos de abastecimento alimentar que envolvem, no máximo, até um intermediário (CHAFFOTTE e CHIFFOLEAU, 2007). Outros termos ainda são frequentemente utilizados para se referir a mesma ideia, tais como circuitos ou mercados locais, cadeias curtas, mercados de proximidade e outros (DAROLT et al, 2016). Exemplos de CCA's são as feiras livres, as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA's), as cooperativas agrícolas, as vendas para programas de governo, entre outros (DAROLT et al, 2016).

Dessa compreensão inicial sobre os circuitos curtos, sabe-se que essa prática está presente desde a antiguidade. De acordo com Aubry e Chiffolleau (2009), essa agricultura de proximidade foi se estabelecendo na periferia das cidades como “cinturões verdes” para abastecê-las e controlar a expansão urbana, disponibilizando alimentos frescos e destinados à venda direta nos mercados. Principalmente a partir do século XX, porém, o forte aprimoramento das infraestruturas de transporte e a possibilidade de refrigeração dos alimentos fez com que esses circuitos curtos perdessem seu protagonismo. Conforme comentado anteriormente, a internacionalização da produção alimentar se expandiu junto às estruturas de abastecimento industrial. Esse cenário levou ao paradigma da globalização do sistema agroalimentar, marcado pelo distanciamento entre produção e consumo dos alimentos (AUBRY e CHIFFOLEAU, 2009).

Contudo, a expansão dos CCA's é novamente impulsionada ao final do século XX em diversos países em decorrência das problemáticas sociais, ambientais e nutricionais associadas à produção alimentar globalizada. O objetivo dessas iniciativas de circuitos curtos é incentivar a produção agrícola local e sustentável, priorizando práticas menos intensivas de produção e prezando pela qualidade dos alimentos (FERRARI, 2011; TEIXEIRA, 2014).

Como bem pontua Liliane Costa (2019), na última década, discussões envolvendo os Circuitos Curtos Agroalimentares e o futuro da agricultura têm se intensificado. Como exemplo, o Ano Internacional da Agricultura em 2014, anunciado pela Organização das Nações Unidas (ONU), promoveu reflexões, parcerias e ações voltadas ao estabelecimento de estratégias para os circuitos curtos. Na França, esses circuitos já representam em média 20% do mercado (RUIVO, CARVALHO, 2017). Dessa maneira, mesmo com funcionalidades diferentes em cada país, os CCA's vêm crescendo globalmente. Suas principais definições e tipologias serão apresentadas a seguir.

Definições e tipologias dos Circuitos Curtos Agroalimentares

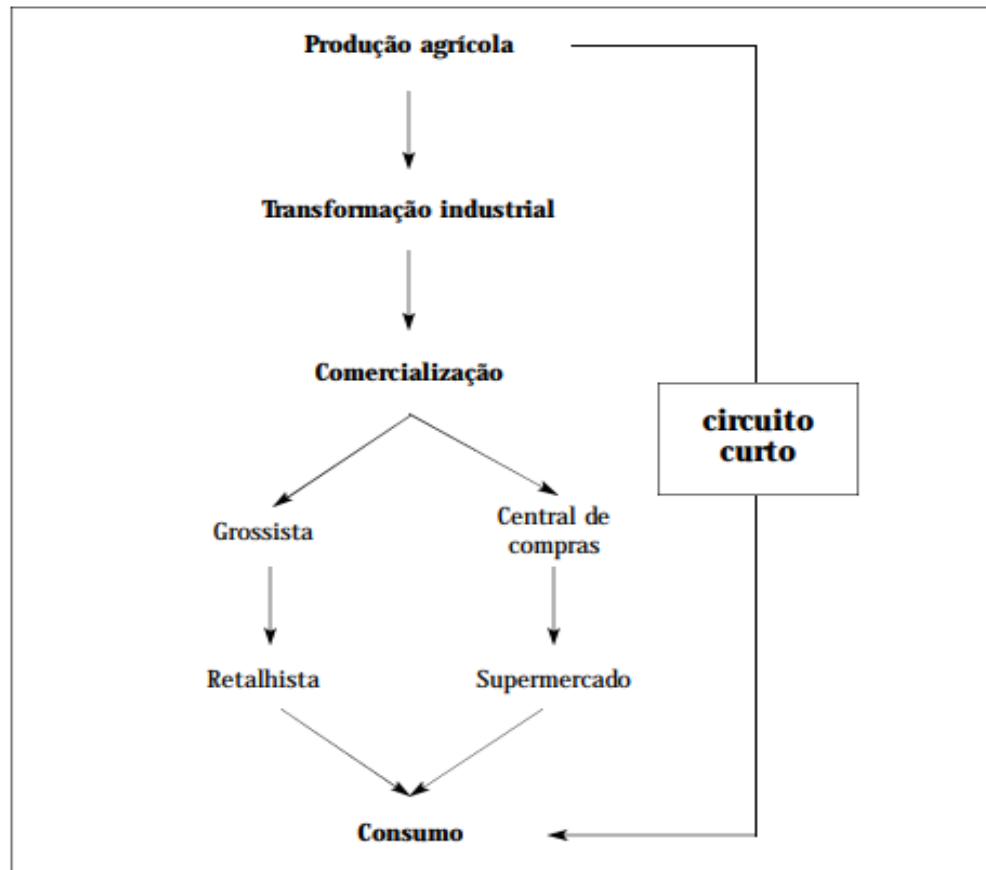
Em primeiro lugar, é possível estabelecer uma relação entre o conceito de Circuito Curto Agroalimentar e a Teoria dos Dois Circuitos da Economia Espacial Urbana de Milton Santos (1979). Com essa teoria – e através de um olhar crítico e abrangente acerca da realidade – Milton Santos investiga as economias espaciais urbanas no contexto dos países subdesenvolvidos. Os dois circuitos manifestam-se como produtos do processo de modernização do período técnico-científico-informacional e são divididos em superior e inferior. O circuito superior refere-se às atividades econômicas que exigem maior grau de tecnologias e de capital. Também contam com maior organização burocrática, apoio governamental e frequentemente ultrapassam (ou mesmo não interagem com) a escala local. Assim, alcançam dimensões globais, como é o caso do agronegócio globalizado. O circuito inferior, por sua vez, é formado por atividades de menor tecnologia e capital aplicados, e pelo estabelecimento de relações na escala local, como as atividades da agricultura

familiar. Logo, pode-se inferir que os Circuitos Curtos Agroalimentares se inserem na categoria do circuito inferior de Milton Santos, já que os circuitos curtos compreendem, majoritariamente, a produção de menor capital, familiar, voltada à escala local.

Após essa categorização preliminar, constata-se que os Circuitos Curtos Agroalimentares se referem, de maneira geral, à comercialização alimentar local que objetiva aproximar produtores e consumidores, descomoditizar a produção de alimentos e promover as economias locais. O senso de comunidade é reforçado, e se estimula práticas sustentáveis de produção (DAROLT et al, 2016; FORNAZIER, BELIK, 2013; ROSSLER, 2020). François (2000) discorre sobre a eficiência dos circuitos curtos em criar identidade ao processo produtivo e valorizar a territorialidade pelo estreitamento da relação que estabelecem com o território, o produtor e o consumidor. A Figura 1 traz uma representação geral dos circuitos curtos feita por François (2000), evidenciando a aproximação entre produção e consumo que esse modelo incentiva. Segundo Rafaela Rössler (2020):

Essa modalidade de comercialização valoriza a proximidade geográfica e cultural, qualificando os consumidores locais como clientes em potencial da região, os quais geralmente são apanhados para a compra através de relações sociais promovidas por intermédio dos produtores, bem como através de publicidades locais pouco onerosas que se convertem, em consequência, em um aumento das receitas das explorações e na manutenção dos empregos daquela região. Muitos produtos comercializados em modelo de CCA têm atrás de si, portanto, histórias e particularidades únicas que passam a ser valorizadas neste modelo através da possibilidade de repasse destas informações diretamente ao consumidor, diferentemente daquilo que acontece nos circuitos convencionais (pág. 22).

Figura 1: Esboço de um Circuito Curto Agroalimentar.



Fonte: FRANÇOIS, 2000.

Com viés na dimensão econômica, alguns autores estabelecem como principal distinção entre os circuitos curtos e longos o número de atravessadores entre a produção e o consumo (DAROLT, 2016). Nessa lógica, quanto maior o número de intermediários, maior é o circuito e vice-versa. No entanto, existem autores que apontam dimensões socioculturais como igualmente relevantes nas análises dos circuitos curtos, como a criação de vínculos com o território, a redefinição da relação produtor-consumidor, novas relações de preço e qualidade dos alimentos etc. (MARSDEN; BANKS; BRISTOW; 2000). Guzmán et al. (2012) argumentam que no circuito curto, as relações de poder dentro da rede alimentar devem estar favoráveis aos produtores e consumidores, e não aos intermediários e grandes empresas distribuidoras – agentes do circuito superior já amparados por políticas públicas e pelo maior acesso ao capital (SANTOS, 2010).

A partir de tais características, Marsden, Banks e Bristow (2000) identificaram três categorias de Circuitos Curtos Agroalimentares – chamados pelos autores, em

inglês, de *Short Food Supply Chains* (SFSC's): 1) face a face: o consumidor compra diretamente do produtor em uma dinâmica face a face, com a confiança na relação interpessoal; 2) proximidade espacial: os produtos são produzidos na região específica de produção e os consumidores são informados sobre a natureza local do produto no ponto de comercialização; e 3) espacialmente estendida: as informações e significados sobre o local de produção e daqueles que produzem os alimentos são traduzidas para consumidores que estão fora da região de produção, e que podem não ter nenhuma experiência pessoal da região; nesse último caso, a confiança está na garantia de qualidade (certificação).

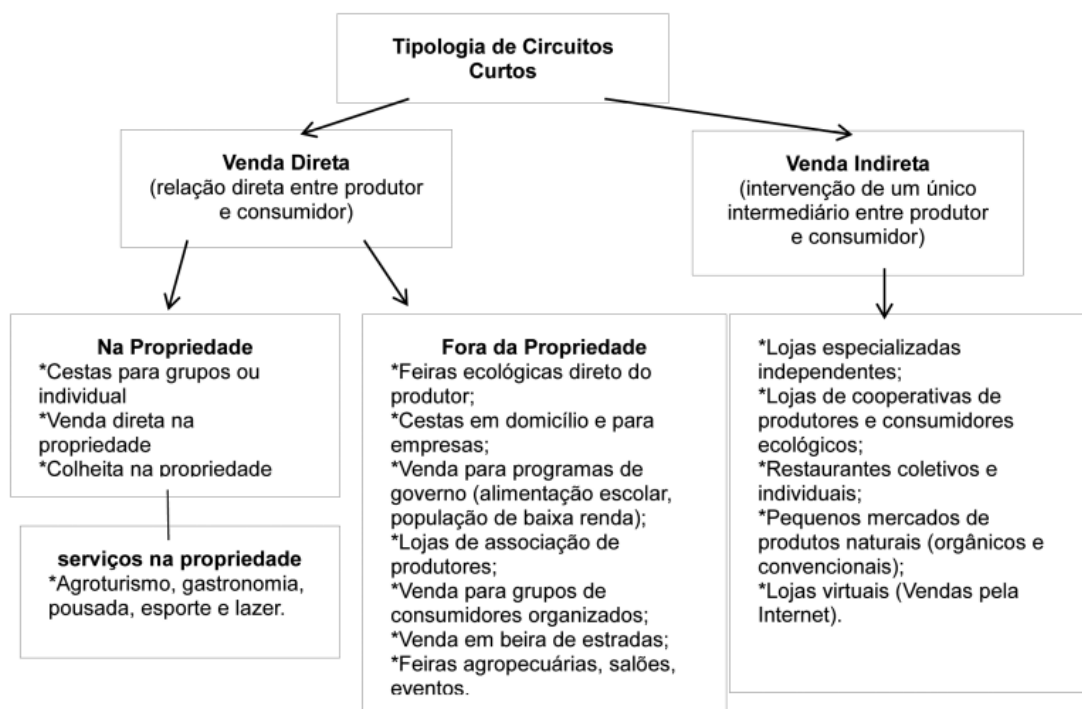
Em estudos sobre redes alternativas de comercialização de produtos ecológicos no Brasil e na França, Darolt et al. (2016) constataram que, em experiências analisadas em ambos os países, os circuitos curtos são majoritariamente provenientes da agricultura familiar, e esses produtores – agentes do circuito inferior das economias urbana (SANTOS, 2010) e agrária (ELIAS, 2011) – desfrutam de maior autonomia nesse processo:

Outra característica que pode ser destacada em circuitos curtos é a maior autonomia do agricultor em relação aos circuitos longos. No Brasil, os agricultores que trabalham integrados com empresas, para vendas em supermercados, têm menor autonomia na gestão, sendo o planejamento de produção e a comercialização realizados pelas empresas (Darolt et al., 2016, pág. 13).

Além disso, notaram também características como maior diversidade produtiva, proximidade (física, relacional e cultural) entre consumidores e produtores e tendência à pluralidade de atividades (DAROLT et al., 2016).

Com base em Chaffotte e Chiffolleau (2007) e em Mundler (2008), Darolt et al. (2016) distinguem os circuitos curtos em dois casos: no primeiro, há venda indireta com intervenção de um único intermediário entre produtor e consumidor, como observado em lojas de cooperativas de produtores e consumidores ecológicos, venda para programas de governo etc.; no segundo caso, há três subdivisões: 1) venda direta dentro da propriedade; 2) venda direta fora da propriedade; e 3) serviços na propriedade. A Figura 2 a seguir esquematiza essa tipologia, trazendo exemplos de cada classificação.

Figura 2: Tipologia de Circuitos Curtos de comercialização de produtos ecológicos.



Fonte: Elaborado por Darolt et al. (2016) com base em Chaffotte e Chiffolleau (2007) e em Mundler (2008).

Aguiar, Del Grossi e Thomé (2018) igualmente reforçam que os Circuitos Curtos Agroalimentares podem ser um meio de diversificar a produção de agricultores familiares, agregar valor aos seus produtos e garantir rendas mais estáveis, além de ampliar sua autonomia.

À vista disso, torna-se evidente que os CCA's funcionam a partir de uma lógica distinta e, muitas vezes, oposta às cadeias industriais longas e complexas. Com expansão em diversos países, mostram-se importantes alternativas às problemáticas do modelo produtivo e de distribuição alimentar convencional, abarcando muitos benefícios sociais, econômicos e ambientais, como também certas dificuldades para sua reprodução.

BENEFÍCIOS E LIMITAÇÕES DOS CIRCUITOS CURTOS AGROALIMENTARES

De acordo com Mamaot (2013), ao se pensar nos benefícios e potencialidades dos Circuitos Curtos Agroalimentares, benefícios de cunho social são reconhecidos.

Como exemplo, há a promoção da segurança alimentar e incentivo a maior coesão social e territorial por meio da valorização dos territórios e produções locais. Segundo Rambo e Freitas (2019):

Circuitos curtos agroalimentares dinâmicos e consolidados reverberam em maior soberania e segurança alimentar e nutricional, constituindo um mosaico escalar de territórios. Entende-se que este seja um meio para a edificação de uma coesão territorial que crie as condições para a arquitetura de pactos territoriais para o desenvolvimento incluído dos segmentos sociais, rurais e urbanos, contribuindo para o alcance dos ODS, em especial ao que se refere ao número 2: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável (pág. 138).

Benefícios culturais são vistos na conservação de tradições, preservação de especialidades locais e fortalecimento da identidade cultural dos territórios. Benefícios econômicos aparecem na agregação de valor às produções locais e na criação de condições para novas iniciativas de desenvolvimento local surgirem. Já os benefícios de cunho ambiental são verificados na baixa emissão de poluentes devido à produção menos intensiva e ao transporte dos alimentos em distâncias menores, nas técnicas de produção sustentável e de preservação da biodiversidade, entre outros. Ademais, para os produtores, é reconhecida a maior estabilidade econômica pelo pagamento justo e imediato, além da diversificação produtiva que assegura um rendimento durante todo o ano. Os consumidores desfrutam da disponibilidade de uma diversidade de produtos frescos, de uma alimentação mais segura e saudável (sem agrotóxicos ou transgênicos, por exemplo), entre outras vantagens. Conforme coloca Liliana Costa (2019):

(...) Os CCA, nas suas diversas modalidades, criam a riqueza necessária para preservar e constituir um potencial que pode ser utilizado, criando benefícios constantes para os agricultores, os consumidores, os territórios e para a preservação do ambiente e da cultura e identidade local. Para o desenvolvimento dos CCA é necessário, contudo, a contínua promoção e divulgação dos benefícios inerente dos CCA, de forma a obter financiamento a nível local, nacional e internacional (pág. 17).

Apesar dos diversos benefícios, os CCA's também apresentam algumas limitações e dificuldades para sua manutenção e expansão. No que se refere aos benefícios econômicos, as menores distâncias percorridas e a ausência (ou menor presença) de intermediários nem sempre assegura uma diminuição das despesas nesse processo. Mão-de-obra adicional pode ser necessária na etapa de distribuição

e comercialização dos produtos, aumentando seu preço. Nem sempre existem estruturas apropriadas para o escoamento desses alimentos, ou mesmo enquadramento legislativo adequado para as atividades (COSTA, 2019).

Como pontua Darolt et al. (2016), o êxito dos CCA's é um processo lento de empoderamento e conscientização também por parte dos próprios consumidores, de forma a ressignificar seu consumo alimentar. Devem ser levados em consideração aspectos como a sazonalidade da produção ecológica de alimentos, a realidade dos produtores familiares locais e suas dificuldades, o conhecimento do impacto ambiental na produção dos alimentos consumidos, a diversidade e disponibilidade dos alimentos às vezes deficientes em relação à agricultura industrial e sua distribuição em longos circuitos, dentre outros. Ainda assim, os circuitos alternativos demonstram, cada vez mais, seu potencial de expansão, bem como de estímulo à criação de políticas públicas na direção de padrões mais sustentáveis de produção e distribuição alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou elucidar o que são os Circuitos Curtos Agroalimentares e o promissor potencial que eles demonstram em preencher lacunas do modelo convencional de produção e distribuição agrícola. Apesar da pluralidade de definições presentes na literatura sobre esse conceito, é evidente que os circuitos curtos visam aproximar a produção do consumo diminuindo a intermediação comercial. Além disso, buscam fortalecer produtores familiares – agentes do circuito inferior das economias urbana e agrária –, as economias locais, as territorialidades, e a produção agrícola sustentável e segura. São, dessa forma, interessante estratégia de promoção do desenvolvimento rural, local e sustentável, como aponta a literatura do tema.

O atual cenário de dominância de longas cadeias na distribuição alimentar, pautadas em padrões globais de produção agrícola e subordinadas aos interesses de grandes empresas que privilegiam o lucro, conduziu a consequências nocivas ao meio ambiente, à qualidade dos alimentos e a determinados grupos sociais. Crescem as

reações tanto de agricultores, quanto de consumidores e do próprio meio ambiente contra esses efeitos.

Os CCA's, não integrados à lógica do agronegócio globalizado, procuram mitigar essas problemáticas. Por esse motivo, considera-se que pesquisas e outras maneiras de estímulo a essas iniciativas são valiosas e cada vez mais necessárias. O propósito principal é buscar agir sob um novo olhar para as relações com a produção alimentar, o meio ambiente e o desenvolvimento social e econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, L. C.; DELGROSSI, M. E.; THOMÉ, K. M. Short food supply chain: characteristics of a family farm. **Ciência Rural**, v. 48, n. 5, 2018.
- AUBRY, C.; CHIFFOLLEAU, Y. **Le développement des circuits courts et l'agriculture périurbaine**: histoire, évolution en cours et questions actuelles. *Innovations Agronomiques*, v.5, pp. 53-67, 2009.
- BRAZ, M. I.; PEREIRA, M. C. B. Circuitos alimentares de proximidade: conceitos, definição e práticas. **Rev. Geografia (Recife)**, v. 35, n. 3, 2018.
- CHAFFOTTE, L.; CHIFFOLEAU, Y. Vente directe et circuits courts: évaluations, définitions et typologie. **Les cahiers de l'observatoire CROC**, v. 1, p. 1-8, 2007.
- COSTA, L. **Circuitos Curtos Agroalimentares**. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Escola Superior Agrária de Coimbra, 2019.
- DAROLT, M. R. et al. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, p. 01-22, 2016.
- ELIAS, D. **Agronegócio e novas regionalizações no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13, n. 2, 2011.
- FAO. **The Future of Food and Agriculture: Trends and Challenges**; FAO: Rome, Italy, 2017; ISBN 9789251095515.
- Ferrari, D. **Cadeias Agroalimentares Curtas: A Construção Social de Mercados de Qualidade pelos Agricultores Familiares em Santa Catarina** (Tese de Doutorado não Publicada). Faculdade de Ciências Económicas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- FORNAZIER, A.; BELIK, W. Produção e consumo local de alimentos: novas abordagens e perspectivas para as políticas públicas. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 20, n. 2, p. 204-218, 2013.
- FRANÇOIS, Martine. Comercializar os produtos locais: circuitos curtos e circuitos longos. **Inovação no meio rural. Caderno**, n. 7, 2000.
- FREDERICO, S. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 17, 2013.

- GUZMÁN, E.S.; MONTIEL, M.S.; HERNÁNDEZ, D.G.; SÁNCHEZ, I.G.; COLLADO, A.C. **Canales Cortos de Comercialización Alimentaria en Andalucía**. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos. Universidad de Córdoba. Fundación Pública Andaluza Centro de Estudios Andaluces: Sevilla, IFO 14, 2012. 164p.
- HUESTON, W.; MCLEOD, A. Overview of the global food system: changes over time/space and lessons for future food safety. In: Institute of Medicine (US). **Improving Food Safety Through a One Health Approach: Workshop Summary**. National Academies Press (US), Washington (DC), 2012.
- JUNQUEIRA, A. H.; MORETTI, S. L. A. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 517-538, 2018.
- MAPBIOMAS. **Relatório Anual de Desmatamento 2021** - São Paulo, Brasil. 2022 - 126 páginas. Disponível em: <http://alerta.mapbiomas.org>.
- MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.
- Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território [MAMAOT]. **Estratégia para a Valorização da Produção Agrícola Local** (Relatório Final). Lisboa: MAMAOT, 2013.
- MUNDLER, P. (Org.). **Petites exploitations diversifiées en circuits courts**. Soutenabilité sociale et économique. Lyon: Isara, 34 p., 2008.
- PRODES Amazônia - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), 2020. **Monitoramento do Desmatamento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite**. Disponível em: <<http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>>. Acesso em 10/09/2022.
- RAMBO, A. G.; FREITAS, T. D. Reconexão entre produção e consumo de alimentos e a política territorial de desenvolvimento rural no Brasil. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 24, n. 3, p. 118-141, 2019.
- RAMOS, S. F. Uso do território no Vale do São Francisco: sistema técnico agrícola da fruticultura irrigada. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 34, 2013. Número Especial, p. 62.
- RÖSSLER, Rafaela Godoy. **O desafio de alimentar o mundo de maneira sustentável: circuitos curtos agro-alimentares no Brasil e em Portugal**. Dissertação de Mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2020.
- RUIVO, P.; CARVALGO, J. **Gestão de Mercados de Proximidade** – O desafio de Preparar o Caminho. Revista da UIIPS, 5(2), 71-77, 2017. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/14501/10887>.
- SANTOS, M. O espaço dividido. **Rio de Janeiro: Francisco Alves**, 1979.
- SANTOS, M. (2000). Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 19 ed. **Rio de Janeiro: Record**, 2010.
- TEIXEIRA, F. **Circuitos Curtos Agroalimentares em Portugal: estudo de casos**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa), 2014. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/>